



II CONGRESSO BRASILEIRO ON-LINE DE
PESQUISA E INOVAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O *RAP* COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DECOLONIAL DE GEOGRAFIA

KARINI DA SILVA PINTO; IRIS MARIA RIBEIRO ROCHA; MANOELA PESSOA
MATOS; ANA LUIZA FERREIRA PINHEIRO SOARES

RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor um planejamento de aula na perspectiva decolonial para o ensino de Geografia, utilizando o gênero musical *rap* como metodologia significativa de aprendizagem. O estudo está fundamentado na pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa. Justifica-se esse artigo por uma busca para compreendermos que o processo educacional pode e deve ser feito com o estudante protagonizando sua aprendizagem, buscando refletir seus problemas e sendo propositivo dentro e fora da sala de aula. O artigo tem fundamentação teórica em Mignolo (2003) e Quijano (2005 e 2009) para se tratar do pensamento decolonial; Cavalcanti (2012) quando se discute o ensino de Geografia; Evaristo (2017) com o conceito de escrevivências; Ribeiro (2019) com o lugar de fala; Teperman (2015) para análise do contexto do *rap*. Os resultados mostram uma proposta de planejamento de aula para o 2º ano do Ensino Médio, com conteúdo da Geografia, utilizando o gênero musical *rap* como recurso metodológico que pode ser trabalhado numa perspectiva decolonial, além de evidenciar a necessidade de entender o ensino-aprendizagem de Geografia sob uma perspectiva crítica e voltada para a realidade dos estudantes, pautada numa necessidade real de implementação de novas metodologias de ensino. Concluímos que houve durante o desenvolvimento do artigo, a apresentação de possibilidades para o ensino de Geografia com o intuito que os professores possam colocar em prática procedimentos teóricos metodológicos na perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Decolonialidade; Ensino de Geografia; Lugar de fala; Escrevivência; Relações Étnico-raciais.

1 INTRODUÇÃO

A reflexão acerca das desigualdades étnico-raciais na educação é urgente e de extrema importância. De acordo com o estudo de Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil (IBGE, 2018), em 2018 a taxa de analfabetismo entre a população negra era de 9,1%, em detrimento da população branca que é de apenas 3,9%. Essa realidade revela dados inaceitáveis que corroboram para se pensar em uma educação diferente, com um olhar antirracista e uma prática pedagógica que contribua positivamente com as diferentes dimensões do sujeito afro-periférico.

Dados apresentados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD (IBGE, 2018), mostra que o percentual de jovens negros fora da escola chega a 19%, enquanto a de jovens brancos é de 12,5%. Diante desses dados, cabe à escola trabalhar conhecimentos numa prática reflexiva e crítica da realidade (Cavalcanti, 2012).

Pensando na era da informação e do conhecimento, e no atual contexto de ensino da Geografia, ressalta-se o uso de metodologias que criem espaços para esse conhecimento. Cabe à escola e aos professores organizarem um movimento de renovação metodológica,

aproveitando as informações e orientando criticamente as crianças e jovens, onde a escola seja gestora do conhecimento na preparação dos estudantes para essa nova realidade. Nessa configuração, o professor mostra-se como incentivador e mediador do conhecimento e os estudantes protagonistas de sua aprendizagem. É necessário ressaltar que professores e estudantes constroem a Geografia, produzindo conhecimento para a prática social cotidiana. Devemos pensar a escola como um lugar emocionalmente capaz de acolher todos os estudantes, no entanto, em seus estudos sobre educação, Mazama (2019, p. 38) comenta que

Existe, antes de tudo, um consenso de que a escola é um lugar emocionalmente (e às vezes também fisicamente) perigoso para as crianças negras, um lugar onde elas são frequentemente humilhadas, e onde é simplesmente impossível para elas desenvolverem uma identidade racial e cultural positiva, porque a escola tenta impor a branquidão nelas como a norma universal ideal.

Nesse sentido, busca-se refletir o ensino da Geografia, numa perspectiva decolonial. Para tanto, esse artigo tem como objetivo principal propor um planejamento de aula decolonial para o ensino de Geografia, utilizando o gênero musical *rap* como metodologia significativa de aprendizagem.

Destaca-se a forma como o *rap* pode ajudar na construção da criticidade, manifestando-se nas vozes de grupos que por muito tempo foram marginalizados e estigmatizados, mas que encontram no *rap* o poder para ressignificar seus espaços (Loureiro, 2017). Com isso, esse artigo se justifica por uma busca para compreendermos que o processo educacional pode e deve ser feito com o estudante protagonizando sua aprendizagem, buscando refletir seus problemas e sendo propositivo dentro e fora da sala de aula.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo está fundamentado na pesquisa bibliográfica que, para Gil (2008, p.44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Tem ainda uma abordagem qualitativa que de acordo com Minayo (2009, p.26) essa abordagem precisa seguir caminhos pautados em “conceitos, proposições, hipóteses, métodos e técnicas” que determina uma construção própria e particular do pesquisador, dando origem a um ciclo de pesquisa, e que, portanto, possui instrumentos e métodos apropriados à sua realidade.

Nesse sentido, a metodologia utilizada para elaboração deste trabalho baseia-se numa abordagem qualitativa, e a pesquisa bibliográfica apoia-se, fundamentalmente, nas considerações de autores que pesquisam as temáticas. O artigo tem sua fundamentação teórica pautada em Mignolo (2003), e Quijano (2005 e 2009) para se tratar do pensamento decolonial; Cavalcanti (2012) quando se discute o ensino de Geografia; Evaristo (2017) com o conceito de escrevivências; Ribeiro (2019) com o lugar de fala; Teperman (2015) para análise do contexto do *rap*.

Pretende-se compartilhar uma proposta metodológica para o ensino de Geografia com o uso do gênero musical *rap* tendo como objeto de conhecimento o espaço urbano brasileiro com o desenvolvimento das cidades e sua segregação socioespacial numa perspectiva decolonial.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Geografia por muito tempo foi vista como disciplina “decorativa”, marcada por uma prática tradicional como, decorar nomes de países, fazer ou pintar mapas, saber as capitais, moedas e idiomas. Esse tradicionalismo vem da corrente da Geografia Tradicional com sua base no positivismo. Moraes (2007, p. 40) evidencia que “a Geografia Geral, tão almejada pelos geógrafos, na prática sempre restringiu aos compêndios enumerativos e exaustivos, de triste

memória para os estudantes do secundário”.

Pensando na Geografia Crítica, podemos utilizar o *rap* como capacidade discursiva de vozes periféricas que denunciam a condição colonial de segregação. No âmbito educacional, é possível, com a utilização do *rap* em sala de aula, reverberar vozes decoloniais que criticam, empoderam e possibilitam mudanças de consciência nos estudantes.

Para o ensino de Geografia, uma discussão necessária é acerca do lugar de fala. Esse conceito, que tem sido bastante utilizado, não se restringe a academia e tem ganhado espaço, especialmente via redes sociais. Existem diversas confusões em torno dessa categoria, ou talvez formas distintas de entendê-la, porém pretende-se retomar a definição apresentada por Ribeiro (2017). A filósofa Djamila Ribeiro tem participado de forma ativa no debate acerca do feminismo negro, enxerga o conceito de lugar de fala como uma contribuição do feminismo. A noção de lugar de fala propõe analisar os discursos dos grupos sociais e as posições sociais ocupadas por esses indivíduos. Ribeiro (2017) entende discurso como sistema que estrutura o imaginário social. Lugar de Fala não restringe os discursos das pessoas, como se essas só pudessem falar do que vivenciam em seu cotidiano e não pode ser confundido com representatividade.

Outro termo a ser evidenciado é o de *escrevivência* (Evaristo, 2017) a autora explica que *escrevivência* é um método de investigação e produção do conhecimento, é um recurso metodológico de escrita, onde o autor narra suas experiências.

Pensando no lugar de fala, na *escrevivência*, no *rap* como recurso metodológico e no ensino de Geografia, entende-se que esse entrelace se desenrola nos espaços ocupados territorialmente por uma população, onde a desigualdade é extremamente presente. A relação entre a exclusão social e a dinâmica territorial podem ser entendidas reconhecendo que o território é fundamental na trajetória dos grupos sociais, de acordo com Couto et al (2010, p. 51), a perspectiva adotada para a organização de serviços e programas têm como base o princípio da territorialização.

Para o ensino de Geografia é interessante que os professores utilizem metodologias que diversifiquem e engajem os estudantes no seu processo de aprendizagem. Nesse contexto está o *rap*, para Indiano (2021, p.57)

O ensino do rap na educação pode ser um ótimo instrumento para incluir grupos que foram subalternizados como a periferia e o povo negro. A partir dos discursos destacados na maioria dos raps, pode-se oportunizar a criação de uma escola que dialogue com as diferenças e as coloque em pauta em uma posição de confrontar os discursos e narrativas postas a fim de refletir com criticidade a sociedade que construímos. Para ter esse objetivo em mãos, torna-se necessário compreender as perspectivas apontadas no multiculturalismo crítico.

Cabe aos professores de Geografia articularem conteúdos que possam ser trabalhados em sala de aula com o gênero musical *rap* seguido por um planejamento onde os estudantes possam ter seu lugar de fala apoiados em suas *escrevivências*. Desse modo, conteúdos como urbanização brasileira e desigualdades sócio-espaciais nas cidades podem ser trabalhados a partir de uma perspectiva decolonial.

De modo geral, a intensa urbanização ocorrida no Brasil a partir da década de 1940, estimulou o adensamento populacional próximos de áreas concentradoras de trabalho e áreas periféricas devido ao baixo custo do terreno. Fatores que implicam diretamente nas condições de vida na cidade revelando desigualdades socioespaciais.

Assim, a desigualdade socioespacial em uma cidade protagoniza um processo de segregação urbana onde a população de renda mais baixa torna-se mais vulnerável e por consequência constroem suas moradias em ambientes frágeis ambientalmente, em lugares desvalorizados e de condições precárias. Com isso, o estudo realizado por Petrus e Pereira

Junior (2015) investigou os índices de desigualdade socioespacial que revela o maior e o menor grau de pobreza por bairros em São Luís – MA. Evidenciou-se que 40% da população ludovicense vive em território precarizado, carente de escolas, postos de saúde, de delegacias, de segurança, dentre outros, ou seja, a cobertura dos serviços urbanos não chega nesses espaços.

Corroborando com esse estudo de desigualdade socioespacial, Milton Santos explicita o meio técnico-científico e informacional que vivemos, no qual o espaço e o tempo nos oferecem novas possibilidades de usos. Para esse autor:

O mundo parece, agora, girar sem destino. É a chamada globalização perversa. Ela está sendo tanto mais perversa porque as enormes possibilidades oferecidas pelas conquistas científicas e técnicas não estão sendo adequadamente usadas. Não cabe, todavia, perder a esperança, porque os progressos técnicos obtidos neste fim de século 20, se usados de uma outra maneira, bastariam para produzir muito mais alimentos do que a população atual necessita e, aplicados à medicina, reduziriam drasticamente as doenças e a mortalidade. Um mundo solidário produzirá muitos empregos, ampliando um intercâmbio pacífico entre os povos e eliminando a belicosidade do processo competitivo, que todos os dias reduz a mão-de-obra. É possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, onde os homens serão mais felizes, um outro tipo de globalização. (Santos, 2003, p. 80).

Nesse sentido, pensa-se numa proposta de globalização que permita a inclusão de todos. Nota-se que o *Rap*, nas últimas décadas, se desdobrou em diversos espaços geográficos de maneira a estar em lugares que os excluídos socialmente vivem, chegando a uma solidariedade local, provocando mudanças, resgatando espaços públicos e transformando seus locais de convivência. Para Campos e Marques (2008, p. 240) “O *rap* é uma música de quem não possui nada, falando para pessoas que necessitam de muita força para sobreviver. Se os pobres passarem da situação de conformidade e de conformismo para uma tomada de consciência da força que, unidos, podem ter, um novo tempo será possível”.

Com isso, ratifica-se o papel do professor de Geografia que traz para o debate em sala de aula temas que contribuam com a construção de sujeitos, apontando habilidades que devem ser desenvolvidas para além dos conteúdos escolares. Para Kaercher (1996, p. 113). “Favelas, cortiços, vilas, enfim, tudo o que vemos, são manifestações geográficas, territoriais da segregação que é econômica e social. Priorizar o social é, pois, absolutamente fundamental para entender o espaço geográfico”.

Com isso, a Geografia Escolar visa contextualizar coisas, fatos e eventos do cotidiano que possam ser interpretados de uma forma geográfica. Essa disciplina ajuda o sujeito a compreender o mundo nas dinâmicas que existem a partir da relação da sociedade com o meio físico, essas relações estão no espaço e no tempo e tem um contexto e uma localização. De acordo com Cavalcanti (2012, p. 45) “no ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico”.

É nesse contexto que se pode inserir o gênero musical do *rap* como recurso metodológico para o ensino de Geografia, entendendo como uma possibilidade para esse ensino na Educação Básica, sustentadas por vozes decoloniais. Com base em todo contexto já descrito, apresenta-se um planejamento de aula com conteúdo da Geografia, para o 2º ano do Ensino Médio, utilizando o gênero musical rap como recurso metodológico que pode ser trabalhado numa perspectiva decolonial (quadro 1).

Quadro 1 – Planejamento de aula

2º ANO DO ENSINO MÉDIO			
Objeto de conhecimento	Habilidades e competências decoloniais	Situações didáticas	Principais autores

Espaço Urbano: desenvolvimento das cidades e a segregação socioespacial.	- Procura superar a dicotomia centro-periferia. - Propõe uma mudança para o ensino de Geografia numa perspectiva decolonial. - Apresenta vozes antes invisíveis. - Busca valorizar as mulheres, negros e sujeitos afro-periféricos.	- Propor o ensino de Geografia a luz do pensamento decolonial. - Sugerir a escuta e análise da música Periferia É periferia do álbum Sobrevivendo no inferno (Racionais MC's) - Estudar e denunciar as formas violentas de segregação dentro das cidades, contestando a ideia de raça, de centro e periferia - Permitir que os estudantes compreendam o mundo e a si mesmo a partir de seu mundo vivido, através de suas escritas.	Santos (2003) Porto-Gonçalves (2012) Racionais MC's (1997) Quijano (2005) Mignolo (2003) Ribeiro (2019) Evaristo (2017) Cavalcanti (2012) Fanon (2008)
---	---	--	---

Fonte: autoria própria, 2024.

A proposta é utilizar a música Periferia É Periferia do Racionais MC 's para se discutir e analisar o espaço urbano juntamente com o desenvolvimento das cidades e seus problemas relacionados à segregação socioespacial numa perspectiva decolonial.

Para sustentar a base teórica utilizou-se autores intitulados decoloniais e autores que mesmo não tendo esse status, são estudiosos que estão na episteme do Sul e que de alguma forma contribuem para esse pensamento. Para tanto, fez uso da obra 'Por uma outra globalização' (Santos, 2003), o artigo 'Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina' (Porto-Gonçalves, 2012), o álbum 'Sobrevivendo no inferno' (Racionais mc's, 1997); a obra 'Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina' (Quijano, 2005); o artigo 'Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar' (Mignolo, 2003); o livro 'O ensino de geografia na escola' (Cavalcanti, 2012); o livro Peles negra, máscaras brancas (Fanon, 2008) e os conceitos de 'Lugar de fala' (Ribeiro, 2019) e 'Escritura' (Evaristo, 2017).

A utilização de diferentes processos teóricos e metodológicos em sala de aula surge como possibilidade para se iniciar mudanças no processo educacional, colocando em prática atividades que sensibilizem e engajem os alunos. Nesse sentido, os estudantes podem romper com o silêncio abordando temas como racismo, segregação, periferização e a partir dessa perspectiva construir novas formas de aprendizagem.

4 CONCLUSÃO

Esse artigo colocou em debate o processo de ensino-aprendizagem de Geografia na perspectiva do pensamento decolonial, construindo metodologias de ensino para dar voz ao protagonismo dos estudantes, em especial, dos sujeitos afro-periféricos. Dessa forma, concluímos que o ensino de Geografia com a utilização do rap é uma possibilidade para trazer o protagonismo de grupos minoritários para o espaço escolar, além de fazer o enfrentamento de vozes que são silenciadas, dando visibilidade e valorizando as identidades presentes na escola.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Rui Ribeiro de. MARQUES, Eder Rodrigo Carvalho. O rap como uma

possibilidade para o ensino de geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 235-252, mai./ago. 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas. 2017. FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Desigualdades sociais por cor ou raça. Volume 1. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Rio de Janeiro. 2018.

INDIANO, Ana Luiza da Silva. Perspectivas do rap na educação geográfica: o que pensam os docentes? **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 12, n. 22, p. 50-76, jan./jun. 2021. ISSN 2179-4510. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/>. Acesso em 10 abr. 2024.

KAERCHER, N.A. A geografia é o nosso dia-a-dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p.7-192, agosto, 1996.

LOUREIRO, B. O Ativismo de rappers e o “progresso intelectual de massa”: Uma leitura Gramsciana do rap no Brasil. **Rev. HISTEDBR**, On-line, Campinas, v.17, n.2 [72], p. 419-447, abr./jun. 2017.

MAZAMA, Ama. Educação domiciliar como protecionismo racial nos Estados Unidos. **Revista SulAmericana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 34-52. DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28255>.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/ Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. D.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 21. ed. São Paulo: Annablume, 2007

PETRUS, Júlia; JUNIOR, Magno. A desigualdade socioespacial de São Luís (MA) demarcada pelos seus bairros. **Ateliê Geográfico - Goiânia-GO**, v. 9, n. 2, p.170-189, ago/2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; DE ARAÚJO QUENTAL, Pedro. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. Polis. **Revista Latino-americana**, n. 31, 2012.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria de Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina. SA, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. Feminismos Plurais, 2019.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.